

TESTANDO O PAPEL DA REFERÊNCIA TEMPORAL NA FORMA DO IMPERATIVO EM PORTUGUÊS BRASILEIRO

Luana Lamberti¹

Scott A. Schwenter²

RESUMO

O imperativo em português brasileiro pode ser expresso tanto com indicativo (*come!*) quanto subjuntivo (*coma!*). Pesquisas anteriores explicam esta variação segundo a região e como mudança em progresso para o indicativo. Nossa pesquisa experimental mostra que falantes de diversas regiões compartilham uma forte preferência pela forma do subjuntivo quando o contexto discursivo referido ocorre em um futuro distante, enquanto o indicativo é favorecido em contextos mais imediatos. A análise estatística dos dados revela que só nesses últimos contextos se percebe uma possível mudança em progresso para mais indicativo. O uso do subjuntivo em contextos temporais distantes mostra estabilidade. Concluímos que uma explicação adequada da variação precisa tomar em conta a referência temporal do imperativo em seu contexto discursivo.

Palavras-chave: imperativo, variação, referência temporal, português brasileiro

ABSTRACT

Imperatives in Brazilian Portuguese can be expressed either by the indicative (*come!*) or the subjunctive (*coma!*) forms. Prior research has explained this variation in terms of regional differences and as a change in progress toward more use of the indicative. Our experimental research shows that speakers from several different regions share a strong preference for the subjunctive form in distant

1 The Ohio State University. E-mail: lambertnunes.1@osu.edu.

2 The Ohio State University. E-mail: schwenter.1@osu.edu.

temporal contexts, while the indicative is favored when the temporal context is more immediate. Statistical analysis of our data reveals that a potential change in progress toward greater indicative use can only be found in the more immediate contexts. The use of the subjunctive is stable in more distant contexts. We conclude that an adequate explanation of the variation must take into account the temporal reference of the imperative in its discourse context.

Keywords: imperative, variation, temporal reference, Brazilian Portuguese

1. O Imperativo em Português Brasileiro

A forma do imperativo em português brasileiro (PB) é variável: pode ser expresso com a conjugação que se compara às formas do presente indicativo e do subjuntivo, tanto em comandos afirmativos (1) quanto em negativos (2):

(1a) Faça um desejo! (presente do subjuntivo)

(1b) Faz um desejo! (presente do indicativo)

(2a) Não faça um desejo!

(2b) Não faz um desejo!

Quase todos os verbos da língua apresentam essa dupla possibilidade, com poucas exceções (e.g. *ser* apenas toma a forma *seja*, no subjuntivo, e não a forma do indicativo). A percepção comum sobre essa variação diz que a forma do subjuntivo é usada por pessoas mais educadas, em registros mais formais ou quando há uma distância social grande entre os falantes. Além disso, é recorrente a ideia de que o subjuntivo é usado com maior frequência no Nordeste do Brasil (Oliveira 2015, 2017). No ensino escolar, há uma pressão normativa para o uso do subjuntivo. A escola o apresenta como mais “correto” e os falantes compartilham a ideia de que o indicativo seria mais rude e mais “incorreto” em relação ao subjuntivo. Entretanto, nesse artigo iremos mostrar que a variação é muito mais complexa do que parece.

Neste artigo, apresentamos uma análise de dados novos, coletados utilizando uma metodologia experimental, sobre o emprego do imperativo em português brasileiro, com o propósito de mostrar que a escolha das distintas formas, enquanto que bastante variável, mostra “heterogeneidade ordenada” (cf. Weinreich, Labov e Herzog 1968). Apesar de diferenças notáveis na frequência de uso das formas nas 4 regiões do Brasil pesquisadas, a gramática que determina a escolha das formas é muito parecida em

todas as regiões. De maneira inovadora, mostraremos que a referência temporal do comando codificado pelo imperativo é de vital importância para essa escolha: quanto mais o comando se distancia do “aqui e agora” prototípico dos comandos, mais provável é a escolha do imperativo na forma do subjuntivo ao invés do indicativo (como em “Coma a maçã” versus “Come a maçã”), independente da região e também do pronome de sujeito que se utiliza normalmente nessa região.

Se analisarmos gramáticas do português brasileiro, é notável que há divergência em relação à classificação dos usos e formas do imperativo. Cunha e Cintra (2013), ao descrever as duas variedades do português (europeu e brasileiro), classificam a forma do imperativo em relação ao uso pronominal. Sendo assim, com o pronome *tu* a conjugação aceitável do imperativo seria similar ao do presente do indicativo, exceto pela eliminação da -s final. Entretanto, com o pronome *você*, a forma correta do imperativo seria a mesma do presente do subjuntivo. Abaixo há um resumo da classificação proposta pelos autores:

Tabela 3: Imperativos em Cunha e Cintra (2013)

Indicativo	Imperativo	Subjuntivo
Canto	-	Cante
Canta(s)	⇒ Canta (tu)	Cantes
Canta	Cante (você)	⇐ Cante
Cantamos	Cantemos (nós)	⇐ Cantemos
Cantai(s)	⇒ Cantai (vós)	Canteis
Cantam	Cantem (vocês)	⇐ Cantem

(Cunha e Cintra, 2013:218)

Em relação aos contextos de uso, Cunha e Cintra (2013) dizem que o imperativo é usado para exortar, aconselhar e convidar. Portanto, para os autores não há variação nos usos e formas do imperativo em português, já que seu uso está relacionado, exclusivamente, à escolha do pronome. Os dados empíricos do Brasil e, de fato, quase todos os falantes brasileiros mostram que essa posição normativa é incorreta, como discutiremos a seguir.

Em um livro didático sobre português como língua adicional (Simões, 2008), há o reconhecimento da situação da variação das formas do imperativo em português brasileiro. O autor descreve que

há duas possibilidades do uso do imperativo. A primeira seria empregada em uma fala monitorada, recebendo o nome de “imperativo monitorado”. Essa forma seria a do imperativo como em *comece*. Em contraste, a outra possibilidade é descrita como a forma preferida na fala coloquial que coincide com o presente do indicativo como em *come devagar*. Sendo assim, para esse autor a variação é regulada por questões puramente estilísticas.

Se observarmos gramáticas que consideram a língua em uso, Perini (2002) divide a forma do imperativo em duas categorias. Primeiramente, ele apresenta as terminações em *-e* (1ª conjugação) e *-a* (2ª conjugação) com as formas do imperativo usadas na língua escrita e na fala de algumas pessoas, que seriam as equivalentes das conjugações do presente do subjuntivo (e.g. *coma*). A segunda classificação apresentada corresponde à forma do indicativo com as seguintes terminações verbais: *-a* (1ª conjugação) e *-e* (2ª e 3ª conjugações). De acordo com o autor, essas formas são empregadas na língua falada e em diálogo de textos escritos. Portanto, para Perini (2002) a variação do imperativo também deve ser atribuída a fatores puramente estilísticos.

Ainda no escopo de gramáticas do uso do português brasileiro, Bagno (2012; ver também Bagno [2009]) rejeita completamente a classificação normativa dos imperativos que seria derivada dos pronomes *tu* e *você* (como a apresentada por Cunha e Cintra, 2013). O autor reconhece que a escolha do imperativo é mais complexa da que é geralmente apresentada pelas gramáticas tradicionais ao dizer que “Nós empregamos, às vezes num mesmo enunciado, formas derivadas do indicativo e do subjuntivo ao mesmo tempo, com a maior tranquilidade” (Bagno, 2012: 38). Bagno afirma que fatores como a origem do falante, o registro, e a fala monitorada afetam a escolha do imperativo entre a forma do subjuntivo e do indicativo, mas esses fatores são probabilísticos, não determinantes para a escolha. Apesar de reconhecer a complexidade da situação de variação do imperativo, Bagno (2012) não apresenta dados para suportar suas hipóteses relacionadas aos fatores mencionados.

2. Pesquisas sobre o Imperativo em PB

Considerando pesquisas sociolinguísticas sobre a variação, Scherre (2004, 2005, 2007, 2008, etc.) em uma série de trabalhos suporta a ideia de que há uma mudança em progresso da forma do subjuntivo para a forma do indicativo dos imperativos em português brasileiro (cf. Cardoso 2009). A autora reportou um aumento de 48% de usos do indicativo em um período de 30 anos em quadrinhos da *Turma da Mônica*. Além disso, em suas pesquisas também há afirmação de que na fala espontânea (entrevistas sociolinguísticas) há uma preferência geral pelo indicativo em todo o Brasil, com

exceção de João Pessoa e Salvador. Para a autora, as novas formas (imperativo) coexistiriam com as formas residuais (subjuntivo) especialmente nas áreas geográficas em que há mais uso de indicativo. Apesar de apresentar pesquisas que indicam as porcentagens de uso das duas alternativas, a autora não apresenta as razões linguísticas ou sociais para a variação. Também, e de importância para os nossos resultados a serem apresentados, Scherre não separa os contextos dos imperativos nas suas pesquisas segundo a referência temporal do comando. Dado que tanto nos quadrinhos quanto nas entrevistas sociolinguísticas os contextos devem ser bastante limitados ao “aqui e agora”, é provável que essas pesquisas não incluam toda a gama de possibilidades para o uso dos imperativos em português brasileiro, mas apenas uma parte dos contextos possíveis.

Oliveira (2017), com o objetivo de analisar a variação dos imperativos considerando fatores sociais e linguísticos no Brasil, realizou um estudo pan-dialetal com dados provindos do projeto Atlas Linguístico do Brasil (ALiB). A autora analisou dados de 25 capitais brasileiras, com um total de 200 informantes (uma média de 8 falantes por cidade) divididos por faixa etária e escolaridade. Os dados são compostos de questionários de natureza distinta como fonético-fonológica, semântica-lexical, morfossintática, pragmática, metalinguística e discursos semi-dirigidos. Dentre as questões dos questionários, as quatro que apresentavam a possibilidade de serem respondidas com usos dos imperativos podem ser observadas abaixo:

Figura 1: Perguntas do Projeto “Atlas Linguístico do Brasil”

- FRASES IMPERATIVAS
1. Oh, meu filho, saia da chuva!
Como é que uma mãe diz ao **filho** para que ele **saia da chuva**?
 2. Não mexa nisso, menino!
Se um **menino** está mexendo em alguma coisa e alguém quer falar para que ele **não mexa** naquilo, como é que diz?
 3. Oh, meninos, venham almoçar!
Se você / o(a) senhor(a) quer chamar muitos **meninos** que estão reunidas para que **venham almoçar**, como é que você / o(a) senhor(a) diz?
 4. Você vai sair hoje!
O seu filho / uma pessoa quer ficar em casa, mas você / o(a) senhor(a) quer que ele / ela **saia hoje**. Como é que você / o(a) senhor(a) dá essa ordem?

(Fonte: https://alib.ufba.br/sites/alib.ufba.br/files/questionario_alib.pdf)

É importante notar que de todos os questionários presentes no projeto ALiB, somente as perguntas apresentadas acima foram relevantes para a pesquisa de Oliveira (2017) sobre os imperativos. Além disso, esses contextos são todos temporalmente imediatos, ou seja, o imperativo que os falantes produziram em resposta a esses contextos são todos comandos localizados no “aqui e agora”, sendo assim, não há variação do contexto temporal. Como será apresentado neste artigo, o controle do contexto pragmático, e em especial o temporal, é parte fundamental de uma pesquisa que considere a variação no imperativo em PB, porque este fator é relevante para determinar o uso da forma do imperativo e as pesquisas anteriores não controlam esse fator. Além disso, a pergunta 4 poderia receber resposta sem o uso do imperativo, como a sugestão apresentada na pergunta, que é um uso do futuro composto com o sujeito expresso.

Nos seus resultados, Oliveira (2017) apresenta um total de 2535 ocorrências do imperativo e os dados estão distribuídos com um total de 65% de indicativo e 35% de subjuntivo. A autora não encontrou nenhuma diferença estatística entre os dados de São Paulo e Porto Alegre, sendo que nas duas capitais a forma do indicativo é mais frequente (ver Cardoso 2007 e Vial et al. 2012 para outras pesquisas sobre o imperativo em Porto Alegre). No entanto, há um uso de 74% de indicativo em Belém e de 23% em Salvador. A autora reporta que fatores sociais como educação, idade e cidade foram significativos para regular a variação. No entanto, na sua análise estatística (realizada no Varbrul), o fator do falante não foi incluído como “random effect”, uma exclusão que pode causar importantes problemas para a fidelidade dos dados sociais (Johnson, 2009). O fator de item (ou seja, a pergunta de questionário) também não foi incluído como “random effect”.

Os resultados gerais da pesquisa de Oliveira (2017) reportam que a forma do indicativo foi favorecida nas capitais da região Norte, Centro-Oeste, Sudeste e Sul com exceção das cidades de Porto Velho e Curitiba. Por outro lado, a forma do subjuntivo é majoritária na região Nordeste com a ressalva da cidade de São Luís. Em relação aos fatores sociais, Oliveira (2017) encontrou que o indicativo é favorecido por falantes com escolaridade do nível fundamental e mais jovens.

A autora oferece explicações para a variação encontrada baseadas na escolha do pronome pessoal, por exemplo, ela diz que a cidade de São Luís apresenta um favorecimento do indicativo ao contrário do encontrado no resto da região Nordeste porque nessa cidade os falantes usam o pronome de segunda pessoa *tu*. No entanto, essa hipótese não pode ser aplicada para seus outros resultados como, por exemplo, para a cidade de São Paulo, sendo que é conhecido na literatura (Monteiro, 1994) que essa localidade apresenta uma alta preferência pelo pronome pessoal *você*, e a autora encontrou

uma alta frequência da forma do indicativo. De fato, o nível dessa frequência é basicamente o mesmo que a que foi encontrada para a cidade de Porto Alegre, onde é bem conhecido que os falantes quase nunca utilizam o pronome *você* como pronome sujeito (Monteiro, 1994).

Um problema importante para estes e quaisquer estudos do imperativo é que é sumamente difícil encontrar exemplos naturais do fenômeno. Normalmente, os dados naturais que se analisam nas pesquisas variacionistas são de entrevistas sociolinguísticas, as quais quase nunca contêm exemplos abundantes de imperativos. Quando existem tais exemplos, a maioria é do mesmo tipo: comandos da pessoa entrevistada a uma terceira pessoa que não forma parte da entrevista (por exemplo de um pai o uma mãe para um filho que entra na sala). Um resultado deste obstáculo metodológico é que estudos anteriores muitas vezes têm uma base empírica bastante fraca. No caso de outras pesquisas (e.g. Scherre 2004, etc.), o foco é em apenas um tipo de texto, por exemplo, história em quadrinhos. Enquanto estes dados são de valor pela possibilidade de analisar mudanças diacrônicas no uso, também não apresentam suficiente variedade nos tipos de contextos nos quais se encontram os imperativos. Como argumentamos abaixo, o nosso método, embora dependendo das intuições contextualizadas dos participantes, poderá proporcionar uma maior variedade de dados e também muitas vezes mais ocorrências a serem analisadas e explicadas.

3. Efeito Imediato

Johnson (2016), estudando a variação entre as formas do *voseo* e *tuteo*¹ em imperativos negativos no espanhol argentino, encontrou que a alternância é majoritariamente regulada pelo efeito imediato, ou seja, os comandos negativos são usados com mais frequência quando conjugados com *vos*, em contextos imediatos. Especificamente, a autora desenhou um questionário com o controle dos contextos pragmáticos baseados em um efeito temporal, distinguindo entre contextos +imediato e –imediato. Os itens do questionário foram classificados como imediatos ou neutros. Havia um total de 12 contextos imediatos versus 8 contextos neutros. Abaixo podemos observar exemplos dos dois tipos:

(Contexto Imediato)

A: Estás en un videoclub y el chico que atiende te trae películas de acción. Vos tenés ganas de ver una de amor. ¿Cuál de las siguientes opciones le dirías?

‘Você está em uma locadora e o rapaz que atende te traz filmes de ação. Você quer ver um filme

romântico. Qual das seguintes opções você falaria?³

(3) No me traigás películas de acción.

‘Não me traga (vos) filmes de ação.’

(4) No me traigas películas de acción.

‘Não me traga (tú) filmes de ação.’

(5) Cualquiera de las dos.

‘Qualquer uma das duas.’

(Contexto Neutro)

B: Estás en un restaurán con tus amigos. El mozo te pregunta qué querés. Vos pedís un sándwich pero no querés que tenga queso. ¿Cuál de las siguientes opciones le dirías?

‘Você está em um restaurante com seus amigos. O garçom te pergunta o que você quer. Você pede um sanduíche mas você não quer queijo. Qual das seguintes opções você falaria?’

(6) No le pongás queso.

‘Não coloque (vos) queijo.’

(7) No le pongas queso.

‘Não coloque (tú) queijo.’

(8) Cualquiera de las dos.

‘Qualquer uma das duas.’

(Johnson, 2016:6)

Dentre os contextos que eram imediatos, a autora realizou uma subdivisão entre contextos com e sem “raiva”. Os participantes tinham que indicar se a pessoa que estava dizendo a frase avaliada

³ Os dialetos do espanhol são classificados como tuteantes se usam o pronome tú da segunda pessoa singular de forma majoritária ou voseantes se usam vos como a forma majoritária. Alguns dialetos misturam o uso dos dois pronomes (e.g. Uruguay, Guatemala), mas na Argentina é quase desconhecido o uso do pronome tu.

estava com raiva ou não. A autora acredita que há uma relação entre polidez e efeito imediato. Os resultados da pesquisa de Johnson indicaram um peso dominante do efeito imediato e esse fator dominou todos os outros fatores em sua análise estatística:

Tabela 2: Resultados em Johnson (2016)

	Immediate	Neutral
<i>voseo</i> form	771 (43%)	329 (27%)
<i>tuteo</i> form	1041 (57%)	879 (73%)
Chi-squared = 72.75, def=1, p < .001		

Table 2: Distribution of *tuteo* form and *voseo* form responses by immediacy

Johnson (2016) considera um contexto sendo classificado como imediato se o período de tempo no qual o ouvinte deve reagir ao comando seja mínimo (“aqui e agora”). Essa definição é centrada no ouvinte e não no falante. Os contextos imediatos exigem que o ouvinte altere o estado atual dos eventos, enquanto que os contextos não imediatos (ou neutros, na classificação de Johnson) servem para impedir que o ouvinte realize uma ação que ainda não esteja no estado dos eventos. Essa definição é extremamente relevante para a atual pesquisa, sendo que os contextos do nosso experimento também foram desenhados usando o conceito de efeito imediato (ver também Lamberti e Schwenter 2015, para uma corroboração da teoria de Johnson com dados do PB).

Nós desenvolvemos uma linha do tempo (ver figura 1) para ilustrar a relação temporal dos dois contextos. Em contextos imediatos a projeção do evento do comando é mínima, para o “aqui e agora”, que constitui o contexto prototípico dos imperativos nas línguas do mundo (Aikhenvald, 2010; Jary e Kissine 2014; Kaufmann 2012), enquanto que a projeção do evento do comando para eventos não imediatos não tem um ponto final específico. Usamos as noções de “Speech Time” (St) e “Reference Time” (Rt) (Reichenbach, 1947) para situar o evento na linha do tempo. O St se refere ao tempo da fala e Rt ao tempo de referência; sendo assim, o evento do comando pode estar em relação ao tempo de fala ou ao tempo de referência quando sendo usado para situações hipotéticas.

Figura 1: Linha do Tempo para Efeito Imediato



Considerando a literatura pertinente ao tópico, desenvolvemos um questionário com itens que combinam uma série de fatores, incluindo o efeito imediato. Nossa hipótese principal é de que o efeito imediato é o fator linguístico mais relevante para a escolha entre a forma do imperativo. Ou seja, os contextos imediatos seriam majoritariamente mais usados com a forma do indicativo e os não imediatos com o subjuntivo. Nas próximas seções iremos apresentar a metodologia do estudo, com a apresentação dos participantes e materiais dos questionários, os resultados e a análise estatística dos dados e, por fim, a discussão final.

4. Metodologia

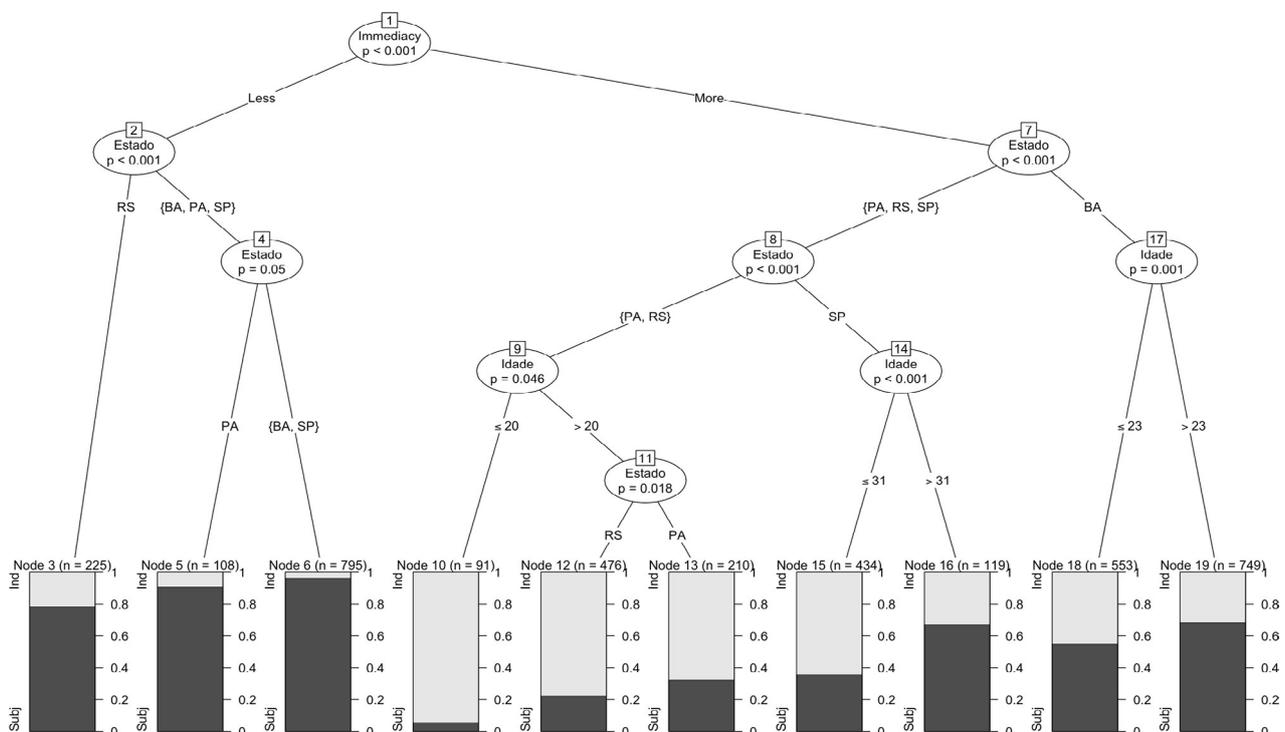
4.1 Participantes

Um total de 376 pessoas participaram da pesquisa, sendo distribuídas em quatro diferentes estados (75 de Rio Grande do Sul, 79 de São Paulo, 36 do Pará e 186 da Bahia). Essas localizações geográficas foram escolhidas baseadas no que já sabemos sobre a escolha pronominal de cada uma delas. Rio Grande do Sul e Pará são estados que usam *tu* como pronome de segunda pessoa singular de maneira quase exclusiva, os falantes de São Paulo usam *você* e na Bahia há uma “mistura de tratamento”, ou seja, os falantes variam entre os usos de *tu* e *você*. Na pesquisa de Oliveira (2017) se oferece uma explicação para os resultados baseada na escolha pronominal, além disso, as gramáticas prescritivas mencionadas acima também utilizam esse tipo de explicação. Portanto, elegemos esses lugares que optam pelos três padrões pronominais existentes no Brasil com o objetivo de testar a relação entre o uso pronominal e a escolha de forma do imperativo.

Os participantes foram perguntados sobre suas informações sociolinguísticas como idade, sexo (feminino/masculino), classe social (classe baixa, classe média baixa, classe média, classe média alta

e classe alta), estado em que moravam e nível de escolaridade (ensino fundamental, ensino médio, ensino superior e pós-graduação). Em relação à idade, dividimos os participantes em duas categorias: jovens (menos de 30 anos de idade) e mais velhos (mais de 30 anos de idade) na análise estatística. Isso se deu porque, inicialmente, tratamos a idade como uma variável contínua, porém a análise estatística da “conditional inference tree” na Figura 2 abaixo mostrou três divisões de idade como relevantes, dependendo da região, cada divisão entre os 20 e os 30 anos. Para podermos incluir essas três divisões de forma nítida e motivada, criamos uma divisão binária nos dados entre pessoas com menos de 30 anos ($n = 262$) versus pessoas com mais de 30 anos ($n = 114$). Iremos comentar com mais detalhe sobre os resultados da “conditional inference tree” mais abaixo:

Figura 2: Inference Tree, Idade



4.2 Materiais e Procedimentos

Desenvolvemos o questionário usando a plataforma Qualtrics que foi distribuído de forma online usando redes sociais seguindo o método do “amigo de um amigo”. Cada participante recebeu 10 itens alvo e 6 distratores não relacionados com o nosso tema de pesquisa. Os falantes deveriam dizer qual dos dois itens soaria mais natural, utilizando a técnica da “escolha forçada” (*forced choice*). Os contextos julgados foram criados de acordo com alguns critérios. O primeiro foi escolher verbos de alta frequência que têm duas formas para o imperativo (portanto, não utilizamos o verbo *ser*, que

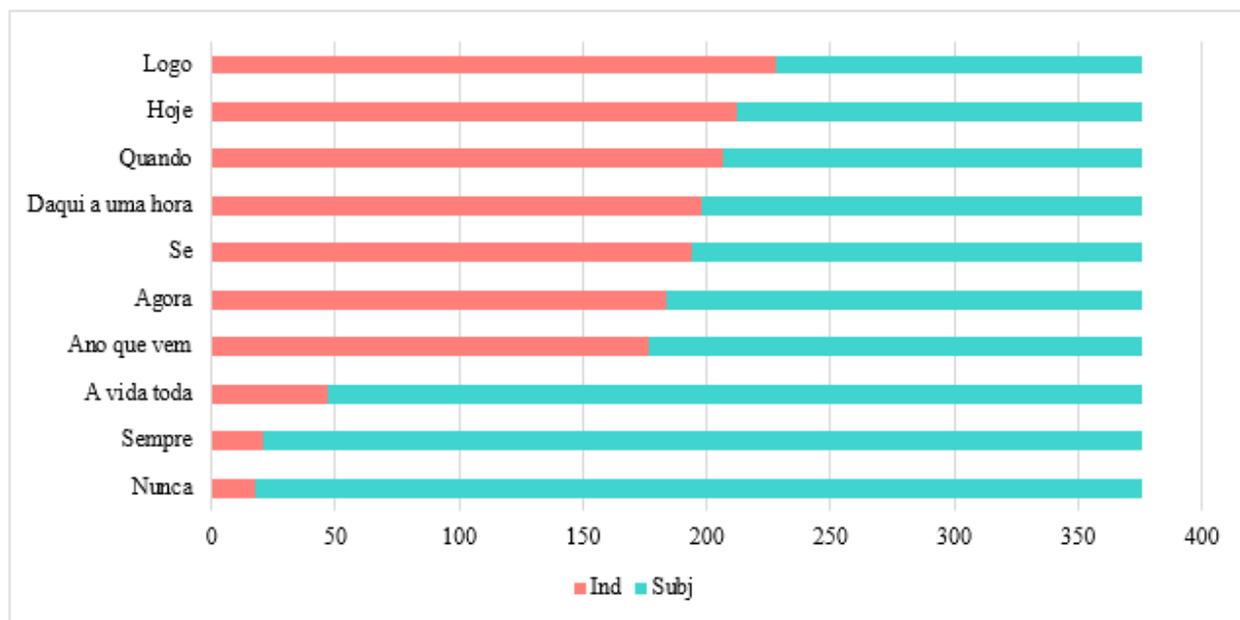
só tem a forma *seja* no Brasil), a partir do livro *A Frequency Dictionary of Portuguese* de Davies (2008). Elegemos os 30 primeiros no ranking e randomizamos 9 para colocar no questionário que foram os seguintes: *falar* (utilizado duas vezes), *voltar*, *mandar*, *discutir*, *fazer*, *jogar*, *arrumar*, *ir* e *correr*. Além disso, incluímos algumas expressões temporais nos contextos baseados na ideia de efeito imediato, como pode ser visto na tabela abaixo. Não incluímos nada sobre o interlocutor ao qual o participante iria dizer o comando, porque não queríamos que o efeito das expressões verbais tivesse interferência de possíveis diferenças sociais entre os falantes; reconhecemos, no entanto, que esse fator pode ser importante para pesquisas futuras:

Tabela 3: Expressões Temporais

Expressão Imediata	Expressão Não Imediata
Logo	Nunca
Hoje	Sempre
Agora	A vida toda
Daqui a uma hora	
Quando	
Se	
Ano que vem	

Essa divisão não foi feita aleatoriamente. Se retomarmos a ideia de efeito imediato apresentada nas seções anteriores, podemos observar que essa noção está ligada ao conceito de haver um ponto final ou não para a projeção do comando. A expressão temporal “ano que vem”, por exemplo, apesar de não estar conectada com o aqui e agora, tem uma delimitação temporal, enquanto que “a vida toda”, “sempre” e “nunca” não têm delimitação e efetivamente são aspectualmente imperfectivas. Além disso, o gráfico seguinte mostra que os falantes foram muito sensíveis a essas restrições pragmáticas, dado que há uma divisão clara entre as expressões baseadas no efeito imediato e, conseqüentemente, entre a escolha entre a forma do indicativo e subjuntivo:

Gráfico 1: Expressões Temporais por Forma do Imperativo



Como se pode ver, três das expressões temporais têm um comportamento totalmente distinto das outras 7 incluídas no questionário⁴. E, enquanto inicialmente escolhemos *ano que vem* para indicar um ponto menos imediato no tempo, esse item não utilizou um predicado que criasse uma situação com extensão temporal, mas sim uma com ponto final (*fazer o vestibular ano que vem*). Nesse sentido, se parecia mais com os outros itens imediatos, menos distantes no futuro; no entanto, é interessante notar que foi precisamente esse item, com a expressão temporal mais distante, que recebeu mais usos do subjuntivo dentre os 7 que classificamos como imediatos. A escolha das conjunções temporais *se* e *quando* teve como propósito testar a hipótese de que em uma situação futura mais hipotética e portanto com menos certeza (e.g. *Se voltar ao Rio, vem/venha me ver*) seria mais comum a escolha do subjuntivo por parte dos participantes, enquanto em uma situação menos hipotética e portanto com mais certeza que pressupõe o evento na cláusula subordinada (e.g. *Quando voltar ao Rio, vem/venha me ver*) se esperaria mais escolha do indicativo. No entanto, não houve diferença significativa entre esses contextos nos nossos resultados segundo a prova de *chi-square*; os dois mostraram porcentagens quase idênticas de indicativo e subjuntivo. No caso do *quando* houve 55% indicativo (n

4 Um parecerista perguntou se houve diferenças estatisticamente significativas entre as expressões dentro das categorias +/- imediatas, por exemplo entre *agora* e *ano que vem* nas +imediatas. Nesse caso não houve diferença, mas sim houve entre outros pares, e.g. *logo* e *agora*. Também, entre as expressões -imediatas, não houve diferença significativa entre *sempre* e *nunca*, mas sim entre essas duas e *a vida toda*. Ainda não temos uma explicação para essas diferenças, além do fato que as distintas expressões apareceram com verbos diferentes, e portanto não são totalmente comparáveis. Também, como mostramos, há diferenças importantes entre as quatro regiões pesquisadas. Esperamos investigar as diferenças entre as expressões temporais em mais detalhe em pesquisas futuras.

= 207), 45% subjuntivo (n = 169); no caso do *se* houve 52% indicativo (n= 194), 48% subjuntivo (n = 182). A importância desse resultado é que mostra que uma possível explicação segundo a certeza do evento no futuro é difícil de compreender, já que esperaríamos um uso significativamente maior do indicativo com *quando* do que com *se* se a certeza do evento no futuro fosse o fator mais importante para a escolha da forma do imperativo.

Dois exemplos de outros itens usados no questionário com uma expressão imediata e não imediata podem ser observados abaixo:

Figura 3: Item Imediato

Qual opção soa mais natural nessa frase:

7im

..... isso no lixo agora!

Joga Jogue

Figura 4: Item Não Imediato

Qual opção soa mais natural nessa frase:

5im

Nunca com uma pessoa grosseira!

Discuta Discute

Os resultados foram analisados usando regressão logística de efeitos mistos no software R. Item e respondente foram incluídos como “random intercepts”, já que esses podem variar bastante e também não exaustam o universo de possibilidades (pode haver muito mais falantes e contextos possíveis que não foram incluídos na pesquisa). As técnicas estatísticas de “step function” e “random forests” foram usadas para construir o modelo mais eficiente com apenas os fatores significativos, e por fim, elaboramos “conditional inference trees” para determinar as interações existentes entre os fatores.

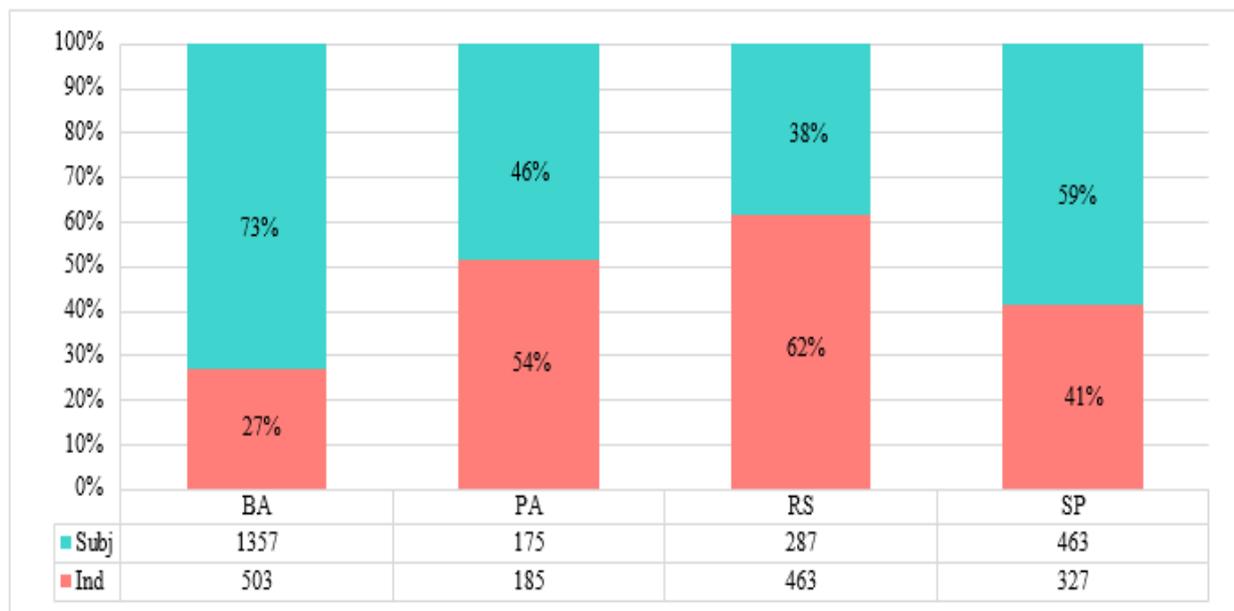
Como explicado acima, um dos problemas mais contundentes na pesquisa dos imperativos se refere à coleta dos dados, dado que são muito escassos em dados naturais. Portanto, uma das maiores vantagens da nossa metodologia experimental é a enorme quantidade de dados coletados, os quais permitem ver com mais clareza os padrões mais significativos nos dados (e.g. apenas para São Paulo e Rio Grande do Sul, neste estudo, contamos com 1540 ocorrências dos imperativos, enquanto que para esses mesmos lugares na pesquisa de Oliveira [2017] apenas há 272 ocorrências). Uma outra

vantagem é a possibilidade de controlar os contextos e os verbos utilizados na pesquisa. Esse tipo de controle não é possível em estudos de dados de entrevistas sociolinguísticas ou em história em quadrinhos. Por fim, o uso de um questionário uniforme aplicados a falantes de diferentes regiões leva à importante possibilidade de ter resultados mais comparáveis de vários dialetos, como os quatro que são incluídos no presente estudo.

5. Resultados

Os resultados gerais mostram que os quatro estados apontam diferentes preferências em relação à escolha da forma do imperativo: São Paulo e Bahia apresentam mais usos de subjuntivo enquanto que Rio Grande do Sul e Pará mostram uma maior porcentagem da forma do indicativo. Esses padrões de uso são esperados, dado que os dois primeiros estados utilizam o pronome *você* de forma majoritária como sujeito de segunda pessoa singular, enquanto os dois últimos utilizam a forma *tu*. No entanto, as porcentagens são bastante diferentes para cada região investigada:

Gráfico 2: A Forma do Imperativo por Estado



Segundo o teste de *chi-square*, todos os estados se mostraram estatisticamente diferentes um dos outros (Pará (PA) vs. Rio Grande do Sul (RS): $X^2 = 10.7$, $df = 1$, $p = .001$; Pará (PA) vs. São Paulo (SP): $X^2 = 10$, $df = 1$, $p = .002$; Bahia (BA) vs. São Paulo (SP): $X^2 = 53.1$, $df = 1$, $p < .001$; Bahia (BA) vs. Pará (PA): $X^2 = 83.6$, $df = 1$, $p < .001$; Bahia (BA) vs. Rio Grande do Sul (RS): $X^2 = 276$, $df = 1$, $p < .001$; São Paulo (SP) vs. Rio Grande do Sul (RS): $X^2 = 63.7$, $df = 1$, $p < .001$).

Além disso, os resultados da análise estatística com regressão logística mostraram que os fatores significativos para determinar a variação da forma do imperativo foram o efeito imediato, estado e idade.

Tabela 4: Resultados da Análise Estatística

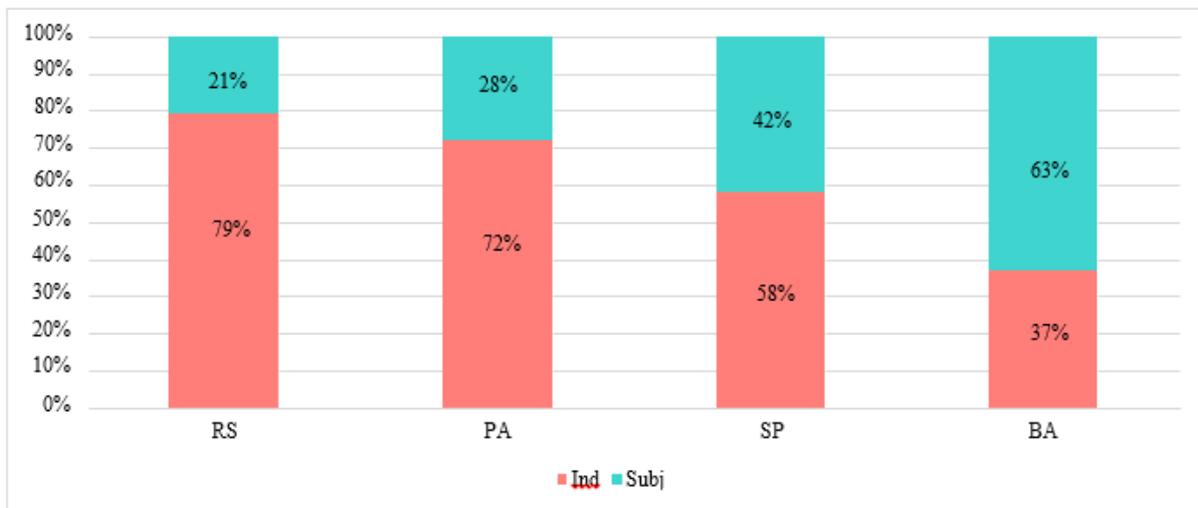
		Estimate	Std. Error	Z value	Pr(> z)
	Intercept	1.40206	0.51356	-2.730	0.00633***
Efeito Imediato (Ref. level: Menos)	Mais (n= 2632; 71.1%)	-4.31619	0.30821	-14.004	<2e-16***
Estado (Ref. level: BA)	PA (n=360; 9.7%)	-1.9470	03587	-5.427	5.72e-08***
	RS (n=750; 20.2%)	-2.7701	0.2805	-9.875	2e-16 ***
	SP (n=790; 21.3%)	-1.0454	0.2617	-3.995	6.47e-05 ***
Idade (Ref. level: Mais velho)	Mais jovem (n=2450; 66.2%)	-0.4576	0.2096	-2.184	0.029 *

Os resultados da regressão logística mostram que o fator efeito imediato é o que tem mais influência sobre a escolha entre indicativo e subjuntivo. O *estimate* negativo para esse fator significa uma maior probabilidade do indicativo em contextos imediatos quando comparados com os não imediatos. Depois, o fator estado mostra as diferenças significativas entre os quatro estados incluídos. Para esse fator, fizemos uma renivelção do fator de referência para podermos fazer a comparação individual dos estados, como já apresentamos acima nos resultados dos testes de *chi-square*. Igual que nesses testes, encontramos diferenças estatisticamente significativas entre cada par de dialetos. O último fator significativo foi a idade, incluída primeiramente como fator contínuo e depois na análise estatística como binário, que mostrou uma correlação significativa entre participantes mais novos e mais escolha do indicativo. Mas, como iremos mostrar abaixo, essa correlação é limitada apenas aos contextos imediatos no nosso questionário. Os outros fatores sociais foram incluídos em todas as análises, mas não foram estatisticamente significativos em nenhuma delas.

Se focarmos mais no fator efeito temporal imediato, as quatro variedades regionais mostraram padrões diferentes nos contextos imediatos (Gráfico 3), porém foram muito mais homogêneos nos contextos não imediatos. Achemos importante lembrar que os contextos não imediatos incluíam as expressões temporais *a vida toda*, *sempre* e *nunca*, todas as quais expressam uma situação temporal não pontual, e distanciada do “aqui e agora” que caracteriza o uso típico dos comandos (e imperativos)

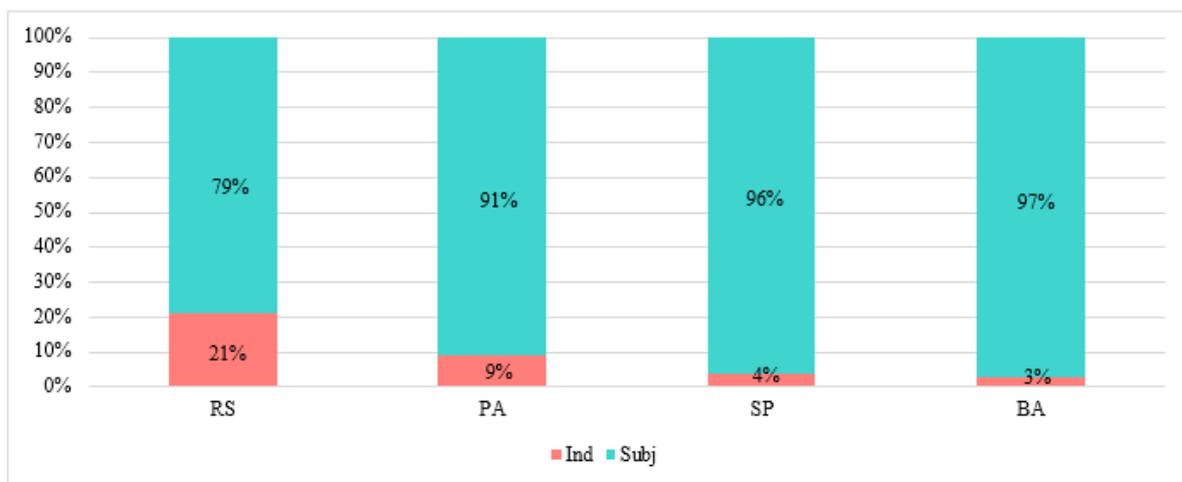
na fala espontânea.

Gráfico 3: A Forma do Imperativo por Contexto Imediato



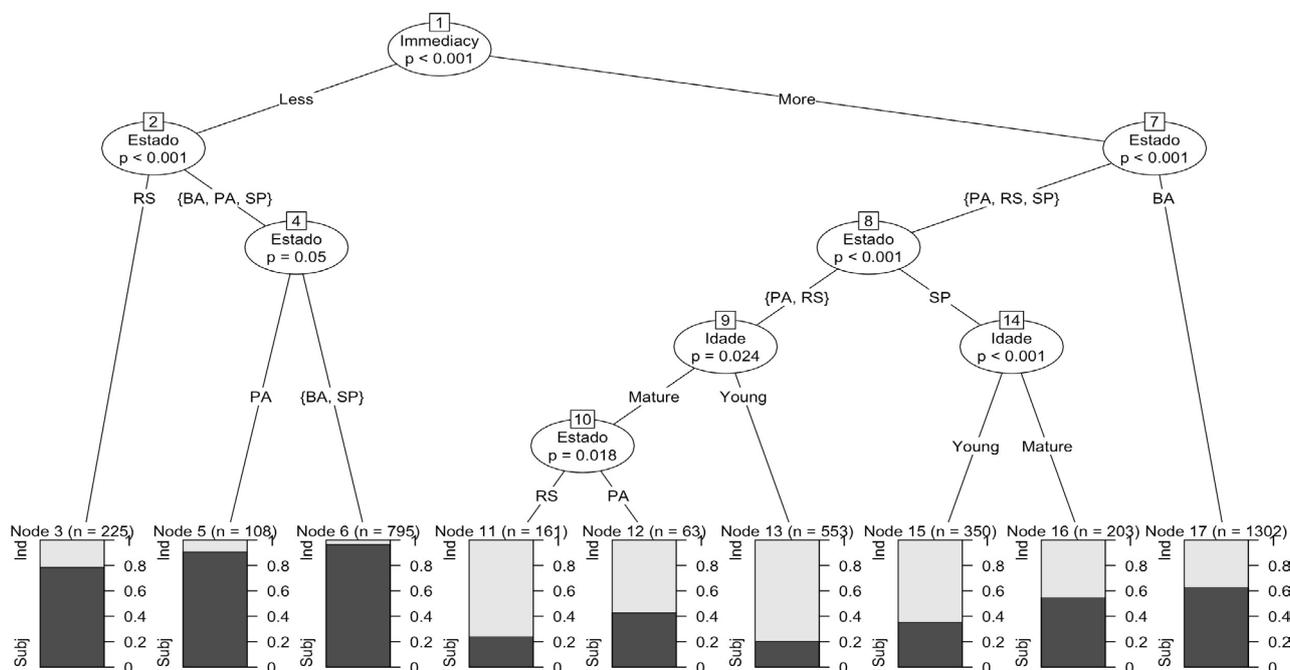
No Gráfico 4, apresentamos os resultados, agora muito distintos dos do Gráfico 3, para os contextos não imediatos. Enquanto nos imediatos (Gráfico 3) a diferença entre o dialeto com mais do subjuntivo (Bahia, 63%) e o com menos uso (Rio Grande do Sul, 21%) chega a ser de 42%, no caso dos contextos não imediatos (Gráfico 4) essa diferença é muito menor, e entre esses mesmos dialetos só encontramos uma diferença na escolha do subjuntivo de 18% (Bahia 97% versus Rio Grande do Sul 79%). Comparando todos os dialetos, menos Rio Grande do Sul, vemos que o comportamento dos estados Bahia, São Paulo e Pará é muito parecido, e a diferença entre a Bahia e o Pará (91% de subjuntivo) é de apenas 6%.

Gráfico 4: A Forma do Imperativo por Contexto Não Imediato



Se considerarmos que existem três contextos “atemporais” no questionário, que tem 10 itens relevantes a nossa pesquisa sobre imperativos, a hipótese nula seria de que mais ou menos 30% de toda a escolha do subjuntivo seria encontrada em tais contextos, entretanto cada estado mostra uma porcentagem consideravelmente maior do que isso. No Rio Grande do Sul 62% das escolhas do subjuntivo vem desses três contextos, do Pará 56%, de São Paulo 49% e da Bahia 40%. Ou seja, mesmo na Bahia, onde há muito mais uso do subjuntivo, globalmente, quando comparado com os outros estados incluídos na pesquisa, os contextos não imediatos proporcionam muito mais casos do subjuntivo do que esperamos. Além disso, mesmo o Pará e o Rio Grande do Sul que usam quase exclusivamente o *tu* como pronome de segunda pessoa (e apresentam mais usos de indicativo como um todo), mostram uma forte preferência pela forma do subjuntivo em contextos não imediatos. Ademais, por estarmos interessados na interação entre os fatores, geramos uma “conditional inference tree” na Figura 5 (= Figura 2):

Figura 5: Conditional Inference Tree



Podemos observar que o efeito imediato (“immediacy” na árvore) domina todas as ramificações, mostrando que é o fator com maior peso para determinar a forma do imperativo (como mencionado acima, Johnson [2013, 2016] encontrou o mesmo resultado para o espanhol argentino). Quando o imperativo ocorre em contextos menos imediatos (“less immediate”), o fator geográfico é significativo para determinar a variação (Bahia, Pará e São Paulo mostram mais usos do subjuntivo em relação ao Rio Grande do Sul, de uma forma geral). Se passarmos à ramificação de contextos mais imediatos, para a direita, outros fatores intervêm para determinar a variação como o estado do participante e sua idade. Em geral, podemos constatar que PA, RS e SP usam mais indicativo em contextos imediatos

em comparação com a BA (o mesmo foi encontrado nos resultados globais). Além disso, parece haver uma preferência da forma do indicativo pela população mais jovem (resultados que confirmam o argumento de Scherre, 2004, 2005, 2007, 2008, etc. baseado em dados de história em quadrinhos). No entanto, não há efeito nenhum para a idade nos contextos não imediatos, o que mostra que, se realmente há uma mudança na escolha nas formas do imperativo no PB, essa mudança só está ocorrendo nos contextos imediatos, e não se dá nos contextos não imediatos. Em outras palavras, a parte “estável” da gramática dos imperativos no PB parece ser localizada precisamente nos contextos não imediatos, onde todos os dialetos mostram uma forte preferência para a forma em subjuntivo.

6. Discussão Final

Podemos inferir uma série de conclusões a partir dos nossos resultados. Primeiramente, o efeito imediato foi o fator com maior peso no controle da variação da forma do imperativo em todos os dialetos pesquisados. Consideramos essa descoberta extremamente relevante nos estudos sobre esse fenômeno e uma contribuição totalmente nova à(s) gramática(s) do português. Dado que a distinção revelada nos dados aqui apresentados não existe no português europeu e tampouco em outra região fora do Brasil, podemos concluir que os falantes brasileiros de fato criaram uma nova distinção pragmática no emprego das duas formas do imperativo, precisamente para marcar as diferenças de temporalidade que os falantes confrontam no uso. Pesquisas anteriores (Scherre 2004, etc.; Oliveira, 2017) não consideram essa variável porque geralmente só avaliam o contexto pragmático e temporal prototípico (imediate, do “aqui e agora”) na análise da variação. Esse fato poderia explicar uma maior frequência global da forma do indicativo nessas pesquisas que parece ser a tendência na literatura existente sobre o assunto. No entanto, é inegável que os falantes brasileiros tenham muito contato com a forma do imperativo em subjuntivo, sendo que essa forma aparece não apenas com regularidade na fala, mas também é muito comum na mídia e nas placas e cartazes que os falantes encontram na sua vida diária.

Além disso, acreditamos que outros padrões ligados à variação da forma do imperativo em PB seriam derivados do efeito imediato (ver Johnson, 2016). Por exemplo, os falantes compartilham uma intuição geral de que se usa mais subjuntivo em contextos mais polidos. Essa ideia faz sentido se considerarmos o efeito imediato, porque usando o subjuntivo, mesmo em contextos ligados ao “aqui e agora”, os falantes empregam a forma que transmite o não-imediatismo, fazendo com que o comando soe menos ameaçador para o ouvinte. Outros fatores que geralmente são associados com o uso do

subjuntivo são os efeitos da distância social (linguagem formal escrita e situações formais)⁵. Esses efeitos também podem ser explicados usando o conceito de efeito imediato, sendo que os falantes podem associar a ideia de menos imediato com ser menos direto e, conseqüentemente, ser mais formal. É bem sabido, por exemplo, que os falantes de muitas línguas utilizam a distância no tempo como metáfora para a distância social (o uso de formas verbais mais distantes para fazer pedidos mais corteses é quase universal, por exemplo), e essa mesma metáfora se pode aplicar ao caso da forma de subjuntivo nos comandos (Fleischman 1989). Por fim, um comentário comum dos falantes brasileiros sobre os imperativos com forma do indicativo é que eles soariam mais rudes do que com subjuntivo. Johnson (2013) encontrou uma relação entre ser mais rude e mais usos da forma de *voseo* do imperativo negativo em contextos imediatos para o espanhol argentino. A partir desses resultados podemos inferir que as intuições dos falantes sobre a relação da forma do indicativo e contextos mais rudes fazem sentido se considerarmos que contextos imediatos são mais diretos e podem soar menos polidos.

Outra discussão pertinente em relação ao efeito imediato é a ideia de que a morfologia verbal do indicativo e subjuntivo carregam os significados relacionados a +irrealis e -irrealis. De fato, é muito comum associar, em todas as línguas românicas, o significado do subjuntivo à modalidade irreal, e o do indicativo à real. Sendo assim, podemos supor que os falantes associam a “irrealidade” inerente da forma do subjuntivo ao efeito temporal ao usar os comandos com subjuntivo em contextos onde não há um ponto final temporal específico. Também, como dito acima, os falantes aproveitam essa associação com a irrealidade e os mundos possíveis para criarem mais distância nos comandos, apesar de ser confrontados com um contexto do “aqui e agora”. Essa diferença na “realidade” também parece importante para o resultado comum, embora não testado em detalhe na nossa pesquisa e sem explicação na literatura, de que o subjuntivo sempre mostra mais uso em contextos de polaridade negativa (ver Cavalcante 2010). Apontamos que nos nossos resultados há mais escolha do subjuntivo com o advérbio temporal *nunca* do que com sua versão afirmativa *sempre*, e em uma pesquisa nossa anterior (Lamberti e Schwenter 2015), também confirmamos essa tendência com mais dados. Como é sabido desde há bastante tempo (Givón 1979), a negação muitas vezes tem um efeito “irrealizante”, o qual leva a mais uso do subjuntivo do que indicativo em contextos de polaridade negativa.

Não podemos esquecer que o imperativo prototípico nas línguas do mundo aparece em contextos de +imediato e o uso do subjuntivo representaria a marcação do desvio dessa prototypicalidade, embora os nossos resultados mostrem que esse desvio nem sempre é marcado na escolha do falante.

5 Ver Bagno (2012).

Aikhenvald (2010) propõe que as línguas exibem um padrão de “imperativos atrasados”, ou seja, formas que marcam precisamente o tipo de desvio temporal que os nossos dados revelam para o PB. Quanto à forma linguística das formas do imperativo, Aikhenvald argumenta que a forma canônica (no caso do PB, o indicativo) quando usada como imperativo seria sempre igual ou menor que a da forma não canônica (no caso do PB, o subjuntivo). Essa posição enquadra perfeitamente com os fatos sobre o imperativo em PB: o subjuntivo *faça* é “maior” (duas sílabas) que o imperativo monossilábico irregular *faz*, por exemplo, e quando as duas formas são regulares o subjuntivo nunca é “menor” do que o indicativo. Nesse sentido, há um claro isomorfismo entre a forma do imperativo utilizado e os contextos de uso: o indicativo como forma canônica que aparece nos contextos prototípicos, mais imediatos (e talvez urgentes), e o subjuntivo como forma não canônica que aparece nos contextos menos prototípicos, menos imediatos (e muitas vezes faltando uma especificação temporal).

O segundo fator encontrado como sendo mais relevante para a variação do imperativo foi o estado do participante. Diferente do que é prescrito em gramáticas normativas (e em manuais de gramáticas nas escolas brasileiras), encontramos que não há uma correspondência de um para um entre a forma do imperativo e o uso do pronome de segunda pessoa do singular (*você/tu*). Rio Grande do Sul e Pará usam majoritariamente o pronome *tu*, porém há significativamente mais usos de indicativo no RS do que no PA, como mostramos na análise estatística acima. Da mesma forma no estado de São Paulo, onde há um uso quase exclusivo do pronome *você*, encontramos uma maior preferência pelo indicativo em relação à Bahia, que apresenta variação entre os pronomes *tu* e *você*, mas com preferência para esse último. Logo, embora pareça haver alguma correlação fraca, baseando-nos em nossos resultados consideramos que uma explicação da variação do imperativo em PB fundamentada somente na escolha pronominal (Oliveira 2017) é insuficiente e equivocada.

Por fim, o último fator que foi significativo nos nossos dados é o relacionado à idade dos participantes, ou seja, os falantes mais jovens usam mais a forma do indicativo em relação aos mais velhos. Scherre (2008) defende que há uma mudança em progresso na escolha do imperativo em PB, entretanto os nossos resultados apontaram que o fator da idade é relevante apenas para contextos imediatos, sendo que essa variável não é significativa e tampouco interfere nos resultados dos contextos não imediatos (ver Figura 5). Por fim, não temos dados suficientes para defender a ideia de mudança em progresso, sendo que não sabemos se a preferência pelo indicativo é um efeito de classificação de idade que poderá mudar com o tempo. Precisaremos de estudos no futuro para corroborar com certeza a hipótese de mudança em progresso nas regiões que pesquisamos aqui.

Em conclusão, o nosso estudo proporciona uma análise nova para a variação nas formas de imperativo no português brasileiro, e uma explicação para uma série de padrões que nunca foram explicados nas pesquisas anteriores. No entanto, algumas perguntas ficam em aberto em relação aos imperativos em português brasileiro. Em relação aos padrões lexicais, nós acreditamos que alguns verbos mostrariam tendências fortes de aparecer com uma forma do imperativo em relação à outra, sendo assim, gostaríamos de saber se o efeito imediato seria de igual importância nesse tipo de contexto. Além disso, outro estudo relevante a ser feito sobre o tópico seria o de testar como os falantes avaliam subjetivamente cada forma do imperativo (como mais ou menos rude, por exemplo) e também como a escolha da forma mudaria em relação ao ouvinte para o qual o falante endereça o comando. Deixamos esses assuntos e outros para pesquisas futuras.

REFERÊNCIAS

- AIKHENVALD, Alexandra Y. 2010. *Imperatives and commands*. Oxford: Oxford University Press.
- BAGNO, Marcos. 2009. *Não é errado falar assim!* São Paulo: Parábola
- BAGNO, Marcos. 2012. *Gramática pedagógica do português brasileiro*. São Paulo: Parábola
- Cardoso, Daisy. 2009. *Variação e mudança do imperativo no português brasileiro: gênero e identidade*. Tese de doutoramento, Universidade de Brasília.
- Cardoso, Daniela. 2007. A expressão do modo imperativo no dialeto gaúcho: uma regra variável. *Revista Virtual de Estudos da Linguagem – ReVEL* 5, 1-31.
- Cavalcante, Rerisson. 2010. Negative imperatives in Portuguese and other Romance languages. *Selected Papers from the 40th Linguistic Symposium on Romance Languages*, Organização de: Julia Herschensohn, 205-19. Amsterdam: John Benjamins.
- Cunha, Celso, e Luís F. Lindley Cintra. 2013. *Nova gramática do português contemporâneo*. 3rd ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira.
- Fleischman, Suzanne. 1989. Temporal distance: A basic linguistic metaphor. *Studies in Language*, 13.1-50.

- Givón, T. 1979. *On understanding grammar*. New York: Academic Press.
- Hoff, Mark. 2016. Mood in future-framed adverbials: Pragmatic alternations in Rioplatense Spanish. Apresentado no Hispanic Linguistics Symposium, Georgetown University.
- Jary, Mark, e Mikhail Kissine. 2014. *Imperatives*. Cambridge: Cambridge University Press.
- Johnson, Daniel Ezra. 2009. Getting off the Goldvarb standard: introducing Rbrul for mixed-effects variable rule analysis. *Language and Linguistics Compass* 3, 359-383.
- Johnson, Mary. 2013. The pragmatic variation between two negative imperatives in Argentinian Spanish. PhD dissertation, The Ohio State University.
- Johnson, Mary. 2016. Pragmatic variation in voseo and tuteo negative commands in Argentinian Spanish. *Forms of Address in Spanish across the Americas*, Organização de: María Irene Moyna and Susana Rivera-Mills. Amsterdam: John Benjamins.
- Kaufmann, Magdalena. 2012. *Interpreting imperatives*. Dordrecht: Springer.
- Lamberti, Luana, e Scott Schwenter. 2015. Variability in the form of southern Brazilian imperatives. Apresentado no NWAV 44, Toronto.
- Monteiro, José Lemos. 1994. *Pronomes pessoais: subsídios para uma gramática do português do Brasil*. Fortaleza: Edições UFC.
- Oliveira, Josane. 2015. O imperativo gramatical no português do Brasil: um estudo sociolinguístico de dados do Projeto ALiB. Apresentado no Simpósio Mundial de Língua Portuguesa, Lecce, Italy.
- Oliveira, Josane Moreira de. 2017. O imperativo gramatical nas capitais do Nordeste: análise sociolinguística de dados do ALiB. *Estudos sobre o português do Nordeste: língua, lugar e sociedade*. Organização de: Norma da Silva Lopes, Josane Moreira de Oliveira, Lúcia Maria de Jesus Parcero, 27-44. São Paulo: Blucher.
- Perini, Mário A. 2002. *Modern Portuguese: A reference grammar*. Yale University Press.

Scherre, Maria Marta Pereira. 2004. Norma e uso: o imperativo no português brasileiro. *O português do Brasil*, Organização de: Wolf Dietrich and Volker Noll, 321-60. Madrid: Iberoamericana.

Scherre, Maria Marta Pereira. 2007. Aspectos sincrônicos e diacrônicos do imperativo gramatical no português brasileiro. *Alfa* 51.189-222.

Scherre, Maria Marta Pereira, Daisy Bárbara Borges Cardoso, Marcus Vinicius da Silva Lunguinho, & Heloísa Maria Moreira Lima Salles. 2007. Reflexões sobre o imperativo em português. *D.E.L.T.A* 23.193-241.

Scherre, Maria Marta Pereira. 2008. O imperativo gramatical no português brasileiro: reflexo de mudança linguística na escrita de revistas de quadrinhos. *Anthony Julius Naro e a lingüística no Brasil: uma homenagem acadêmica*, Organização de: Sebastião Votre e Cláudia Roncarati, 306-19. Rio de Janeiro: 7 Letras.

Vial, Ana, Larissa Goulart da Silva, Fabíola Stein, & Bruno Coelho Rodrigues. 2012. Ei, professor, vem cá e lê esse artigo! – variação linguística do imperativo no ensino do português como língua adicional. *Bem Legal* 2, 82-94.

Anexo I - Questionário

Introdução:

Este estudo tem a ver com a fala cotidiana dos brasileiros e faz parte de uma investigação entre pesquisadores da Ohio State University. A sua participação é voluntária e a duração do questionário é de 10 minutos. Se escolher participar, você vai dar sua opinião sobre o julgamento de algumas frases. Suas respostas e informações pessoais serão mantidas confidenciais. Dúvidas e sugestões podem ser enviadas para os e-mails lambertinunes.1@osu.edu, schwenter.1@osu.edu.

É importante que você responda segundo como fala na vida normal, e não segundo regras normativas (gramática da escola).

Ao continuar você concorda em participar desta pesquisa e assume que tem mais de 18 anos.

1. Quantos anos você tem?

2. Qual é o seu gênero?

- Feminino (1)
- Masculino (2)

3. Em qual classe social você se classifica?

- Classe Baixa (1)
- Classe Média Baixa (2)
- Classe Média (3)
- Classe Média Alta (4)
- Classe Alta (5)

4. Qual cidade/estado você mora?

5. Onde você nasceu?

6. Qual é o seu nível de escolaridade?

- Ensino Fundamental (1)
- Ensino Médio (2)
- Ensino Superior (3)
- Pós-Graduação (4)

7. Qual opção soa mais natural nessa frase:

Se vier para o Rio, me _____.

- Fala (1)
- Fale (2)

8. Qual opção soa mais natural nessa frase:

Quando vier para o Rio, me _____.

- Fala (1)
- Fale (2)

9. Qual opção soa mais natural nessa frase:

A gente teve um dia maravilhoso, _____ sempre!

- Volta (1)
- Volte (2)

10. Qual opção soa mais natural nessa frase:

_____ a tarefa hoje!

- Manda (1)
- Mande (2)

11. Qual opção soa mais natural nessa frase:

Nunca _____ com uma pessoa grosseira!

Discuta (1)

Discute (2)

12. Qual opção soa mais natural nessa frase:

_____ o vestibular ano que vem!

Faz (1)

Faça (2)

13. Qual opção soa mais natural nessa frase:

_____ isso no lixo agora!

Joga (1)

Jogue (2)

14. Qual opção soa mais natural nessa frase:

Amiga/o, se _____ logo para ir para a festa!

Arruma (1)

Arrume (2)

15. Qual opção soa mais natural nessa frase:

_____ para a faculdade daqui a uma hora!

Vai (1)

Vá (2)

16. Qual opção soa mais natural nessa frase:

_____ atrás de seus sonhos durante a vida toda!

Corre (1)

Corra (2)

17. Qual opção soa mais natural nessa frase:

Não sei se _____ tempo, mas eu tenho muito mais informação.

Vós tendes (1)

Vocês têm (2)

18. Qual opção soa mais natural nessa frase:

_____ chegou antes da tempestade.

Tu (1)

Você (2)

19. Qual opção soa mais natural nessa frase:

Vou dar flores para _____.

Ti (1)

Você (2)

20. Qual opção soa mais natural nessa frase:

A mulher estava _____ a conta.

A pagar (1)

Pagando (2)

21. Qual opção soa mais natural nessa frase:

Não conheço esse _____.

Gajo (1)

Cara (2)

22. Qual opção soa mais natural nessa frase:

_____ camisa é muito bonita.

Tua (1)

Sua (2)